



Texto original: INGLÊS.

RETIRO

Terça-feira, 1 de outubro de 2024

Padre Timothy Radcliffe OP *Pesca da Ressurreição*

João 21,1-14

“Mas não pescaram nada naquela noite”. Cada uma destas aparições da ressurreição começa na escuridão. Para Maria Madalena, foi na escuridão de sua ignorância que o Senhor ressuscitara. Mas ele está lá, esperando por ela. Para os discípulos na sala trancada, foi na escuridão de seu medo. Cristo ressuscitou no Domingo de Páscoa conquistando a noite, e volta e meia ainda nos encontramos novamente na escuridão. A escuridão da guerra, a crise dos abusos sexuais e assim por diante.

O que é a noite que envolve estes discípulos que foram pescar? Estamos de volta ao mundo cotidiano. Pedro diz: “Eu vou pescar”. Eles estão de volta à velha rotina. É quase como se nada tivesse acontecido em Jerusalém. Suas redes estão vazias. Eles estão vazios. O estranho pergunta se eles têm algo para comer. Todos eles respondem juntos: “Não”. Em grego, “Ou”. A palavra é tão vazia quanto eles. Ou! Os pescadores de homens não conseguem nem mesmo apanhar o menor peixe.

Todos já conhecemos aqueles momentos em que parecemos não pegar nada. O entusiasmo inicial desapareceu. Ao iniciar esta segunda Assembleia, aposto como alguns de nós nos sentimos assim. Aqueles que tinham iniciado com entusiasmo e empolgação poderiam estar imaginando se estamos chegando a algum lugar. Alguns de nós jamais acreditou que de alguma forma estivéssemos. Ou! A pergunta mais comum que ouvi a respeito do Sínodo nestes últimos onze meses tem sido cética: Será que algo foi alcançado? Tudo isso não é desperdício de tempo e dinheiro?

Mas o estranho está lá na praia, antes mesmo que eles o vejam. Deus está sempre lá primeiro, antes que percebamos. No Prólogo da Regra de São Bento, Deus diz: “Estarão meus olhos sobre ti e meus ouvidos junto às tuas preces, e antes que me invoques dir-te-ei: ‘Eis-me aqui!’”¹. Deus está esperando, mesmo antes que rezemos.

Por que eles não o reconhecem? Você poderia pensar que esta seja uma daquelas questões obscuras sobre as quais os estudiosos gostam de escrever artigos incompreensíveis, mas é profundamente relevante para nós neste Sínodo. Como vamos reconhecer o Senhor que está conosco hoje, mas a quem não podemos ter visto?

Não é que ele *pareça* diferente. Não, é porque eles jamais o tinham visto *realmente* antes. Herbert McCabe, OP expõe isso bem: “As pessoas só não estão reconhecendo Jesus como o homem que sabiam que foi morto. Estão reconhecendo-o como *acham* conhecer e *pensavam*

¹ The Prologue of The Rule of St Benedict, Translated into English. A Pax Book, preface by W.K. Lowther Clarke. London: S.P.C.K., 1931



que conheciam, mas não conheciam *realmente* até agora”². Ele é o mistério de Amor Incarnado e elas estão apenas começando agora a vislumbrar a altura e a profundidade do amor que ultrapassa todo entendimento. É o discípulo amado quem diz: “It is the Lord”, porque ele tem olhos amorosos. Os primeiros teólogos sempre perguntaram por que Jesus não apareceu aos seus inimigos, como Pôncio Pilatos. Ele poderia ter aparecido na frente de Pilatos e, ainda assim, Pilatos não poderia tê-lo visto.

O amor “é uma palavra crescente, uma daquelas cujo significado muda e se desenvolve”³. Como crianças, pensamos que o amor de nossa mãe consiste em nos prover comida quando pedimos e jamais nos deixar sós. À medida em que crescemos, vamos entendendo que, às vezes, o amor requer estar ausente ou recusar dar o que você quer, como um iPhone.

Em 2012, um dominicano francês chamado Jean-Joseph Lataste foi beatificado. Ou, como apresentou a BBC, “belezado”! Sua vida teve uma reviravolta quando, em 1864, ele visitou uma prisão para mulheres. Muitas delas tinham sido prostitutas, ou havia quem cometera infanticídio. Ele as olhou e disse: “minhas irmãs”. Ele fundou uma congregação de religiosas em que elas poderiam viver próximo a outras mulheres. Muitas pessoas piedosas abastadas não gostaram. Ainda não tinham aprendido a *ver* o amor em ação. Elas não reconheceram o estranho na praia.

Estudiosos bíblicos passaram horas em silêncio em bibliotecas estudando línguas mortas e obscuras. Para alguns, isto parece um desperdício de tempo, mas é também um ato de amor. Não viemos ao sínodo como para negociar acordos ou vencer adversários. Estamos aqui para aprender uns dos outros qual é o significado desta estranha palavra: “amor”. Cada um de nós é um discípulo amado, que tem um particular dom para ver o estranho na praia e dizer: “É o Senhor”.

O ponto de mudança é quando eles obedecem à voz do Senhor e lançam as redes do outro lado. Parece sem sentido. Eles são aqueles que conhecem sobre pesca. Por que obedecer a este homem que não sabe nada sobre pesca? Viemos a este Sínodo em obediência. Para muitos, parece sem sentido. Trabalhamos dias e noites, e talvez duvidemos que algo seja alcançado. Mas a Igreja nos diz “vem”, e viemos. Nós lançamos a rede do outro lado do barco, mesmo quando alguns de nós pensam que não pegará nada. Mas esta obediência pode ser frutuosa de maneiras que não imaginamos.

Vimos aqui como o grande quebra-cabeça: 153 grandes peixes. Eu poderia entediá-los por horas com todas as maravilhosas e sempre absurdas explicações deste número. Por que 153? Alguns dizem que deveriam ser 153 deles. Mas imaginem contá-los pulando por toda parte. Outros se referem às 153 igrejas que poderiam ter existido à época. Outros, às 153 nações então conhecidas. Claramente, significa abundância. A abundante providência de Deus está atuando. São João Henry Newman descreveu a providência como “o trabalho silencioso de Deus”. O *Instrumentum Laboris* abre com uma citação de Isaías: “O Senhor dos exércitos prepara para todos os povos, neste monte, um banquete de carnes gordas, um banquete de vinhos finos, de carnes suculentas com tutano, e vinhos depurados” (25,6).

O reino irrompe em nossas vidas com convivialidade, excesso, como todo aquele vinho em Caná. São Domingos retornou ao mosteiro de monjas em Roma tarde da noite, após uma missão de pregação. Ele acordou as monjas, para que pudesse lhes contar sobre sua pregação. Ele pediu vinho. Havia apenas um pouco. As monjas trouxeram-lhe um copo, que ele passou dizendo às irmãs “bebam”, “*Bibite satis*”, bebam bastante. E o copo nunca acabava.

² *God, Christ and Us* p.94

³ Herbert McCabe OP, *Law, Love and Language*, p.18



Devemos ousar confiar que a Divina Providência abençoará abundantemente o sínodo, “uma medida boa, calcada, sacudida e transbordante será colocada no vosso colo” (Lucas 6,38). Não estamos aqui para uma refeição escassa, mas para *a alta gastronomia* do Reino, se desejarmos o bastante.

Pedro é transformado instantaneamente. No início desta cena, ele está vazio. Ele regressou à sua antiga vida. É como se nada tivesse acontecido. Agora, ele se ergue e veste suas roupas antes de se lançar ao mar. Normalmente, tiramos nossas roupas quando vamos nadar, mas este é um sinal de sua dignidade restaurada, tal como o pai veste seu filho pródigo quando ele volta para casa. Apesar de sua vergonha Diante do Senhor, ele nada rumo ao seu amigo. Eu teria ficado tão envergonhado se tivesse nadado na direção contrária. Os outros discípulos lutam para transportar a pesca para a terra. Pedro consegue sozinho. Qual é o segredo de Pedro? O que quer que tenha feito, ele volta ao Senhor novamente. Seu amor é mais forte que sua vergonha.

Jesus disse: “Quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim” (12,32). Agora, vemos Pedro puxando – é a mesma palavra em grego – a rede cheia de peixes para si e a rede não se rompeu. Não é devido à sua força, mas sua cooperação com a atração do Senhor, a atração magnética do Senhor Ressuscitado. É a atratividade do Senhor que puxa para a terra a rede inquebrável. O ministério petrino de unidade não é vigiar crianças rebeldes. Está revelando a atratividade do Senhor, que nos puxa junto.

Quando vim ao Sínodo ano passado, pensei que o grande desafio fosse superar a oposição venenosa entre tradicionalistas e progressistas. Como Podemos curar essa polarização, que é tão alheia ao catolicismo? Mas, como ouvi, pareceu-me um desafio ainda mais fundamental: como a Igreja pode abraçar todas as diversas culturas de nosso mundo? Como podemos incluir na rede com todos os seus peixes de todas as culturas do mundo? Como pode a rede não se romper?

Quando o Muro de Berlin caiu em 1989, a Guerra Fria estava prestes a terminar. Francis Fukuyama publicou *The End of History and the Last Man*⁴, afirmando que tínhamos entrado em uma nova era, o triunfo da democracia liberal ocidental. Toda nação parecia destinada a ser “envolvida” por nosso modo de vida ocidental. Alguns países, especialmente no hemisfério sul, deviam apenas esperar. Esta foi uma ilusão da qual o Ocidente está lentamente acordando. Ao contrário, vivemos em um mundo multipolar, no qual muitos do hemisfério sul vêm o Ocidente como decadente e condenado. Vivemos em um mundo pós-ocidental⁵. Muitos ocidentais ainda não perceberam isso.

Aguardamos um novo Pentecostes, no qual cada cultura fale em sua própria língua nativa e seja compreendido. Esta é também nossa tarefa durante o Sínodo e a fundação de nossa missão para nosso mundo ferido e dividido. Pedimos pelas preces de Maria, Desatadora dos nós, e de Pedro, o reparador de redes!

Primeiramente, reconheçamos que precisamos uns dos outros se quisermos ser católicos. As diversas culturas chegaram a esta Assembleia para oferecer cura umas às outras, desafiar os preconceitos uns dos outros e chamar umas às outras para uma profunda compreensão do amor. Cada cultura tem um modo de ver o Estranho na praia e dizer: “É o Senhor”.

Por exemplo, o Papa Bento confessou que o Ocidente está sofrendo de “uma forma de doença do espírito”⁶, daquela que São João Paulo II chamava de “uma cultura de morte”. Ou fugimos

⁴ Penguin, London.

⁵ Oliver Stuenkel, *Post-Western World: How Emerging Powers Are Remaking Global Order*, Polity, 2016

⁶ Homilia na abertura da Segunda Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a África, 4 de outubro de 2009



da morte e fingimos que ela nunca acontecerá ou buscamos dominá-la com a morte assistida. Assim como Pedro, nós, ocidentais, precisamos de ajuda para ver na praia o Senhor Ressuscitado que triunfou sobre a morte. Precisamos de ajuda para viver com nossa mortalidade em esperança.

Um querido dominicano francês morreu durante um Capítulo Geral em Bogotá. Em seu funeral, os irmãos do Ocidente foram tomados de pesar. Um jovem irmão colombiano replicou: “Esta não é a hora da morte. Esta é a hora da fé”⁷. Nosso irmão neste Sínodo, o Padre Orobator, SJ, agradeceu por ter sido criado por pais que praticavam a religião tradicional africana, com seu profundo senso pelo dom da vida. Ele escreveu: “central para todo o sistema religioso em toda a África é uma *profunda crença na vivacidade da criação*”⁸. Você não sabe o que isso significa viver se você se esconder da morte. Temos muito a aprender de nossos irmãos e irmãs em outras partes do globo, cujos olhos estão abertos para a morte e, portanto, entendem mais sobre o que significa estar vivo.

Talvez nosso maior desafio seja abraçar o que o Papa Bento chamou de “interculturalidade”. Este não é o momento para uma exploração teórica do que isto significa. Em vez disso, imaginemos uma rede. Uma rede consiste em buracos vazios ligados por cordas. Espaços e laços. Sem ambos, não haveria rede para puxar os peixes.

Quando as culturas se encontram, deveria permanecer um espaço entre elas. Nenhuma deveria devorar a outra, como está acontecendo com a globalização do consumismo. Deveríamos reverenciar a diferença cultural. Lembrem-se daquela maravilhosa palavra alemã, *zwischenraum*, “a sala entre”. Este é o fértil espaço entre as culturas quando cada uma retém sua identidade, mas está aberta à outra. Aquino disse que quando há amor, dois se tornam um, mas permanecem distintos⁹.

Nenhuma cultura poderia nos unir: nem o latim, nem mesmo o tomismo! A rede não está rasgada porque cada cultura está aberta à sua maneira para a verdade. O Cardeal Ratzinger explicou em uma conferência proferida em Hong Kong em 1992 que “a abertura fundamental de cada pessoa à outra só pode ser explicada pelo fato oculto de que nossas almas foram tocadas pela verdade; e isso explica o acordo essencial que existe mesmo entre culturas mais distantes umas das outras... Ninguém apreende o todo; as miríades expressam forma e constroem uma espécie de mosaico, exibindo sua complementaridade e inter-relação. A fim de serem inteiros, todos precisam uns dos outros. Os seres humanos abordam a unidade e a totalidade do nosso ser apenas na reciprocidade de todas as grandes realizações culturais”¹⁰.

Estamos todos Unidos pela nossa fé compartilhada, o Creio, que transcende toda cultura. Mas como podemos traduzir *homoousios* para o suaíli, hindu ou japonês? Certamente, a rede precisa ser mantida unida por satisfação mútua, amizade, alegria compartilhada e mesmo risos. Um dos exemplos mais fascinantes dessa interculturalidade foi a missão jesuíta na China no século XVI. Este encontro entre Ocidente e Oriente floresceu por meio de uma amizade, que foi mutuamente enriquecedora. De fato, o primeiro livro de Matteo Ricci foi sobre amizade. A amizade tece a rede.

Mas, em vez de falar sobre esses admiráveis jesuítas, lançar um olhar sobre dois exemplos que experimentei em minha Ordem, apenas para nos ajudar a imaginar nossa tarefa no Sínodo. Um dos meus lugares favoritos é uma fazenda em Benin, fundada por nosso irmão Godfrey

⁷ Fui lembrado deste episódio por Frei Bruno Cadoret, OP, já Mestre da Ordem.

⁸ Agbonkhanmeghe E. *Religion and Faith in Africa: Confessions of an animist*, Orbis, New York, 2018, p.16

⁹ ST II II 17.3

¹⁰ ‘Christ, Faith and the Challenge of Cultures’, Meeting with the Doctrinal Commissions in Asia. Hong Kong, 3 March 1993



Nzamujo. Ela se chama Songhai, em homenagem ao grande Império Africano que floresceu na região há quinhentos anos. Nzamujo aprendeu a cultivar em casa, na África, e também estudou ciência ocidental na Califórnia. Songhai é o fruto da agricultura africana e ocidental. A fazenda começou como um hectare de terra devastada que ninguém queria e, agora, cobre 24 hectares e educa jovens agricultores de toda a África, na verdade, do mundo.

Nada é desperdiçado aí. As moscas engordam com as sobras do restaurante e depois são dadas como alimento aos peixes. Nzamujo chama Songhai de Sheraton Hotel para moscas. Todos os animais e plantas prosperam em mútua dependência. Em Songhai, até os mosquitos têm seu papel a cumprir no equilíbrio da vida, embora não sejam uma das melhores ideias de Deus!

A Eucarística aqui é vista dentro de uma ecologia de gratidão, disse Nzamujo: “A Missa é a combinação dos dons do sol, da água e do solo. O vinho é a dor e a angústia vindas das uvas, que precisam ser esmagadas, mas se torna um símbolo de amizade”. Songhai irradia esperança. Ele disse: “Há um tempo para nascer e um tempo para morrer, porque essa é a natureza. A África pode parecer estar no lado perdedor, mas, honestamente, pelo que sinto, pelo que vejo, amanhã é o tempo africano”.

Isto é o que acontece quando culturas se encontram em amizade e geram esperança. O espaço entre nós é preenchido por alegria mútua e até mesmo risos. Nzamujo afirma que seus porcos simbolizavam tanto o projeto quanto nossa amizade, já que eles são o resultado do cruzamento entre grandes porcos brancos Yorkshire, como eu, e pequenos porcos negros africanos, como ele. A diferença é fértil.

Outro breve exemplo: um dominicano japonês, Shigeto Oshida, descreveu a si mesmo como um budista que conheceu Jesus. Ele fundou um eremitério perto do Monte Fuji, onde cristãos e budistas viviam juntos em harmonia. Ele detestava a tendência do Ocidente em eviscerar a realidade com noções abstratas. Ele chamou isso de “terceira perna da galinha”, que não era nem a perna direita nem a esquerda, mas uma perna abstrata inexistente. Ele disse: “Nós, japoneses, sabemos em nosso sangue o que é religião. A Igreja Católica não é uma caixa de chocolates ou um negócio”¹¹.

Quando Oshida pregava retiros, especialmente para bispos acostumados à vida sedentária, ele gostava de mandá-los plantar arroz nos arrozais, ignorando seus protestos sobre dores nas costas. Ele escreveu: “Um fazendeiro que trabalha duro do amanhecer ao anoitecer sabe que um grão de arroz não é seu produto, algo feito por seu próprio esforço, mas algo dado a ele por Deus. Ele deve oferecer o grão de arroz a Deus, que está oculto, mas que dá tudo. Ele deve dizer: “Isto é teu”¹².

Oshida era profundamente crítico da cultura ocidental, mas, como Nzamujo, ele cruzou as divisões culturais com risos e alegria. Ele gostava de brincar que Deus o enganou para se tornar um cristão e depois um dominicano, porque ele conheceu cristãos maravilhosos e depois dominicanos, e pensou que todos nós fôssemos assim. Ele ria dizendo: “Eu estava errado! Deus me enganou”.

Assim, a rede de Pedro está preenchida com espaço e mantida unida pela verdade, satisfação e alegria. Ela é puxada para a praia não pelo poder jurídico, mas pela atratividade do Senhor que, quando é elevado da terra, atrai todos a si. A beleza puxa a rede para a praia. Pensem em Matatoshi Asari, um católico japonês de Nagasaki, que enviou cerejeiras, símbolos de reconciliação, para todas as nações que foram afetadas pela Segunda Guerra Mundial¹³.

¹¹ P.135

¹² Compiled by Claudia Mattiello, *Takemori Sōan: Teachings of Shigeto Oshida, a Zen Master*, Buenos Aires, 2007

¹³ Naoko Abe, *The Martyr in the Red Kimono*, Chatto and Windus, London, 2024.



Que Deus abençoe este sínodo com tais encontros culturais amorosos, nos quais dois se tornam um, mas permanecem distintos. Nenhuma cultura pode dominar. Mas precisamos estar profundamente cientes de como o desequilíbrio de poder está em jogo em nossas conversas. O encontro de culturas nunca é inocente ou meramente cerebral. O colonialismo ainda estrutura nosso mundo. Robator partilhou um provérbio africano: “Até que o leão aprenda a escrever e falar, a caça sempre glorificará o caçador”¹⁴. O leão agora fala, mas o Ocidente não escuta. Conforme uma canção da minha juventude, “o dinheiro faz o mundo girar”. Podemos viver em um mundo pós-ocidental, mas o sistema bancário ainda é controlado pelo Ocidente. O imperialismo não acabou, e ainda busca impor seus valores aos outros. Mas o estranho na praia não era um membro da elite rica. Ele foi crucificado pelo maior poder imperial de seus dias, uma morte reservada a escravos, com a intenção de humilhar. Então, vamos ouvir com acurada atenção aqueles que hoje são crucificados pelos poderes imperiais de nosso tempo. Vamos nos ouvir com humildade uns aos outros. É um humilde Simão Pedro quem conheceremos esta tarde.

¹⁴ P. xviii